

# FH diz a investidores que país vai crescer sem sustos

Presidente prevê que, este ano, taxa inflacionária será de 15% ou menos e que crescimento da economia vai dar um salto

José Meirelles Passos

Enviado especial

• SÃO FRANCISCO, EUA. Ao procurar convencer líderes de 33 grandes corporações americanas, ontem, a investirem mais no Brasil, o presidente Fernando Henrique Cardoso pediu-lhes que levem em conta, no momento em que decidirem sobre futuras aplicações, um elemento novo: "a economia do Brasil não mudará de rumo".

— O Brasil vai crescer agora de forma sustentada porque quer e porque pode crescer — disse, antes de prever que a inflação anual em 1996 será "de 15% ou menos" — em vez dos 20% calculados anteriormente — e garantir que nos próximos cinco anos a economia crescerá cerca de 5% ao ano.

— Não nos interessa fazer zigue-zague, dar um salto de 7% ou 8% num ano, cair para menos 2% no outro e depois subir de novo. Queremos continuidade, sustentação. Estamos preparando o campo para um salto mais sólido — disse o presidente.

## Cultura da inflação está desaparecendo

Fernando Henrique garantiu que até o fim do ano deverá concluir três grandes reformas — a previdenciária, a tributária e a administrativa. Justificou sua certeza com o fato de que, além da população, todos os governadores ("inclusive os do PT") e os parlamentares da oposição já entendem que "é importante ter uma situação mais equilibrada".

Os brasileiros, disse Fernando Henrique, "tinham se adaptado à cultura da inflação de 45% ao mês, como a uma espécie de cegueira". Hoje, observou, estão descobrindo novos valores à medida que as reformas vão sendo negociadas dentro de um clima de estabilização econômica:

— Trata-se de um processo custoso, de idas e vindas, de resultados nem sempre conclusivos, mas de fundamental impor-



FERNANDO HENRIQUE na Universidade de Stanford, onde já deu aulas, na década de 70: 'É mais fácil escrever uma constituição do que modificá-la'

tância para acomodar os diferentes interesses em jogo. Não há outro caminho para assegurar a credibilidade e eficácia das reformas — disse ele a representantes da AT&T, Chevron, Compaq, Motorola e McDonnell Douglas, entre outras grandes empresas.

David Coulter, presidente do Bank of America, que promoveu o café da manhã no Westin St. Francis Hotel, sintetizou a opinião da

platéia, acenando com a possibilidade de aumento dos fluxos de capital para o país:

— Há um interesse muito particular na economia do Brasil. O índice de confiança dos investidores estrangeiros hoje está claramente em ascensão, e isto se deve às posições do presidente Fernando Henrique e às reformas que está promovendo junto com o Congresso — disse Coulter.

Aos empresários, Fernando Henrique reafirmou que a privatização é irreversível. Ferrovias, modernização dos portos, energia e telecomunicações são os setores em evidência. E observou:

— Uma coisa é privatizar subsidiária. Privatizar uma área de concessão pública é diferente. Há certos temores. As pessoas querem saber, por exemplo, quem vai estabelecer as tarifas. Por isso,

estamos tratando de preparar o campo para que haja uma privatização mais sólida, que agrade a todas as partes. A das telecomunicações envolve os estados. E uma das iniciativas, no sentido de fazer com que tudo saia bem, é a reorganização da estrutura dos estados, para que eles sejam mais dinâmicos — explicou.

Mais tarde, ao instalar a cátedra de Estudos Brasileiros na Uni-

versidade de Stanford, diante de uma entusiástica platéia de 750 pessoas, o presidente — que deu aulas na universidade em 1971 — insistiu que as mudanças político-econômicas são profundas e vêm sendo feitas de forma sólida, ainda que, às vezes, mais lenta do que seria de esperar.

— É bem mais fácil escrever uma constituição do que modificá-la — argumentou. ■